



## A imagem do estranho na obra de Samuel Rawet

The Image of the Stranger in the Work of Samuel Rawet

Saul Kirschbaum\*

São Paulo, Brasil

saul.kirschbaum@gmail.com

**Resumo:** A partir da análise da novela *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado*, de Samuel Rawet, publicada em 1970, esta comunicação abordará a forma com que o escritor – nas palavras de Gilles Deleuze e Felix Guattari, que cunharam a expressão “literatura menor” – representa, em seus escritos, a população hegemônica. Noutras palavras, como a minoria é representada na obra de Rawet. Dessa forma, procuro entender a radicalidade do próprio estranhamento vivenciado por grupos minoritários, em sua manifestação literária.

**Palavras-chave:** Samuel Rawet. Minoria. Representação.

**Abstract:** Based on the analysis of Samuel Rawet's novel *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado*, published in 1970, this communication will address the way in which the writer – in the words of Gilles Deleuze and Felix Guattari, who coined the expression “minor literature” – represents, in their writings, the hegemonic population. In other words, how the minority is represented in Rawet's work. In this way, I try to understand the radicality of the estrangement experienced by minority groups, in their literary expression.

**Keywords:** Samuel Rawet. Minority. Representation.

*É absolutamente vão recensear um tema em um escritor, se não se pergunta qual é a sua importância exata na obra, isto é, exatamente como ele funciona (e não seu ‘sentido’).*

Deleuze e Guattari

Há alguns anos, eu empreendi uma releitura das 1200 páginas de *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, em busca de entender como o escritor gaúcho representa o judeu naquelas clássicas páginas.<sup>1</sup> Naturalmente, verifiquei que Veríssimo traz para a obra o

---

\* Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1955.



imigrante daquela etnia com a maior consideração e simpatia; mas seu objetivo é analisar a formação histórica do Rio Grande do Sul; a partir deste prisma, todas as migrações que para lá se dirigiram são relevantes, pois foram fundamentais para que o estado seja o que é hoje; especificamente a judaica, porém, não tem nenhuma importância particular. Nos termos de Deleuze e Guattari,<sup>2</sup> Veríssimo é um representante da literatura maior, hegemônica.

Ocorreu-me, então, que, para levar a investigação mais longe, seria necessária uma inversão; ou seja, não procurar saber como a minoria é representada na literatura hegemônica, mas, sim, como a população hegemônica é representada na literatura da minoria e como a minoria se vê representada por aquela. Um primeiro esforço nesse sentido resultou em um artigo, que foi publicado em número recente da revista ELBC, sob o título “A autorrepresentação do judeu mediada pelo olhar do nacional em ‘Natal sem Cristo’ de Samuel Rawet”.<sup>3</sup> Naquele texto, analisei como o escritor judeu Samuel Rawet, pertencente a um grupo minoritário, representa, em seu conto, o não-judeu, e como vê o judeu ser representado pelo olhar da população cristã, hegemônica.

Note-se: não estou propondo nenhuma identidade entre autor e personagem. Também não se trata de encontrar o autor no texto. Estou, sim, reconhecendo que para o indivíduo proveniente de uma minoria, o estranhamento pode ser vivenciado com uma intensidade tal que acabe por invadir sua produção artística. Isto parece poder lançar luz sobre a relação entre a obra ficcional de Samuel Rawet e seus ensaios filosóficos. Como já foi amplamente notado, os contos e novelas do escritor estão impregnados por suas posições filosóficas.

Citando novamente Deleuze e Guattari, “viver e escrever, a arte e a vida, só se opõem do ponto de vista de uma literatura maior”.<sup>4</sup>

Minha reflexão, neste artigo, busca aprofundar essa pesquisa. Procuo entender melhor a radicalidade do próprio estranhamento, em sua manifestação literária, agora abordando a obra-prima rawetiana, a novela *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado*, publicada originalmente em 1970. Apesar de, ou por causa de sua complexidade, essa obra já acumulou respeitável fortuna crítica. Diversos pesquisadores a trabalharam em análises de razoável extensão e profundidade.

Os capítulos de livros e os artigos já publicados oferecem excelentes resenhas sobre a lenda ou mito do *judeu errante*, suas origens, as diversas versões que assumiu ao longo

---

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. p. 68.

<sup>3</sup> KIRSCHBAUM, Saul. A autorrepresentação do judeu mediada pelo olhar do nacional em “Natal sem Cristo” de Samuel Rawet. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 49, p. 219-232, set./dez. 2016.

<sup>4</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 62.



da história e, inclusive, suas diversas representações literárias e em outras formas de arte. Em vista disso, e por economia, me dispenso de realizar a minha própria contextualização. O que importa, a meu juízo, é reconhecer a importância da lenda nas relações entre judeus e cristãos. Ou, melhor dizendo, a importância da lenda na formação de um imaginário nas populações cristãs em relação aos judeus, e o papel que teve em tantos episódios de estranhamento que resultaram em tragédias para o povo judeu, como expulsões e massacres.

O que se destaca nesses levantamentos, e isso não é nada surpreendente, é que todas as versões da lenda e todas suas representações artísticas são de autoria cristã. Assim, Rawet nos oferece a possibilidade de vermos como um escritor judeu representa a população que criou, atualizou e estetizou a lenda; como se vê representado, na condição de judeu, como alguém que se sente visto, por amigos, colegas, conhecidos, até por si mesmo – não esqueçamos fenômenos como o auto-ódio - como uma encarnação do protagonista da lenda. Como isso realimenta sua sensação de estranhamento.

Em certo sentido, Ahasverus suplanta Proteus: enquanto o deus grego é capaz de metamorfosear-se, adotando qualquer forma que lhe convenha, as metamorfoses de Ahasverus lhe permitem não só mudar de forma, de personagem, mas, também, deslocar-se no tempo, para o passado e para o futuro. De todo modo, como o título da novela já anuncia, as viagens-metamorfoses de Ahasverus são inúteis: está sempre indo para terra alheia – nunca para uma terra que poderia considerar sua; é inútil ir para o passado porque é futuro, e é inútil dirigir-se para o futuro, pois esse já passou, é apenas um sonho.

Do ponto de vista da forma, *Viagens de Ahasverus...* é um dos pontos culminantes da obra do autor. É, praticamente, organizado em um único grande parágrafo (24 páginas na edição de 2004). Somente bem no final o texto é interrompido por duas imagens e por um pequeno segundo parágrafo, de pouco mais de uma página. Um narrador onisciente conta, em terceira pessoa, entremeando trechos em discurso indireto livre, episódios da vida do protagonista, em suas diversas metamorfoses, alguns das quais têm o sabor de parábolas dos Evangelhos. Mas a atenção do leitor é continuamente desafiada: os episódios não simplesmente se completam; o final de um se emenda com o início do próximo, numa espécie de *Mil e uma noites*, mantendo a tensão sempre elevada.

Por exemplo, o episódio da velha judia que Ahasverus encontra em Viana do Castelo. Perto de seu final, lemos: “Beijou os lábios da velha para criar a situação ambígua e não despertá-la”.<sup>5</sup> Mas o texto se prolonga, criando o vínculo com o episódio seguinte, que sugere uma sessão de tortura nos porões da Inquisição: “E enquanto sorvia a saliva

---

<sup>5</sup> RAWET, 2004b, p. 462.



senil, já de barbas e túnica postado diante de alguém, uma autoridade, recriou seu terror. A sala era escura...”, e por aí vai.

O aspecto que mais chama a atenção na novela, estabelecendo uma constante ao longo das sucessivas metamorfoses e mantendo-se sempre no horizonte, é a perplexidade de Ahasverus em face daquele a quem se refere como “o nazareno”. Para o leitor, é desde logo evidente que se trata de Jesus. Mas Ahasverus só bem mais adiante fará a ligação entre “nazareno” e “Nazaré”. Essa perplexidade – que beira à paralisia - já tinha sido o tema do conto “Natal sem Cristo”, publicado em 1963 na coleção *Diálogo*. De certa forma, aquele conto poderia perfeitamente integrar-se nas *Viagens de Ahasverus*, como outra metamorfose. Parodiando as “sondagens do mundo” da página 477, poderíamos dizer que “Ahasverus foi Nehemias Goldenberg, e como Nehemias Goldenberg sondou o mundo”.

No conto como na novela, o protagonista judeu identifica-se com Jesus enquanto judeu. No conto como na novela, o relacionamento do judeu com Jesus serve de fundamento para o estabelecimento de uma culpa tão incompreensível quanto inexpiable. No conto, Nehemias é açoitado pela pergunta eterna: “- Mas não foram os judeus que mataram Cristo, papai?”.<sup>6</sup> Na novela, a lembrança que Ahasverus tem do nazareno é muito agradável. Uma bela conversa, um companheiro excelente. Falavam e riam, comentaram parábolas como a dos lírios do campo, a da agulha e do camelo, a do filho pródigo.<sup>7</sup> Como um encontro tão prazeroso poderia ter evoluído para a Inquisição, para acusações de deicídio, envenenamento de poços, assassinato ritual de crianças cristãs? Se para o agressor a agressão nem ao menos aconteceu, para o agredido a agressão é infinita.

Assim como em “Natal sem Cristo”, Ahasverus é o duplo de Jesus, como sugere a possibilidade de uma metamorfose em que ele passaria a ser os dois: “esboçou outra metamorfose em que ele seria os dois, naquela manhã”.<sup>8</sup> Assim como Ahasverus, também o nazareno é capaz de metamorfosear-se. Ou antes, na verdade, de ser metamorfoseado por seus seguidores até se tornar irreconhecível. Ahasverus reflete, em discurso indireto livre: “Nunca mais se viram. Num ou noutro lugar ainda ouviu falar dele, mas devia haver engano. Mostraram-lhe imagens, mas não o identificou. Devia haver um engano.”<sup>9</sup> Ahasverus percebe que está condenado eternamente ao vínculo com o nazareno, e se pergunta:

Que relação tinha ele, Ahasverus, com o nazareno? Nada podia, nada sabia afirmar. No entanto sentia-se estranhamente ligado a ele, entrevia, às vezes, uma relação vital nas duas existências.

---

<sup>6</sup> RAWET, 2004a, p. 126.

<sup>7</sup> RAWET, 2004b, p. 455.

<sup>8</sup> RAWET, 2004b, p. 457.

<sup>9</sup> RAWET, 2004b, p. 455.



Mas sabia, também, de uma distância quase infinita a separá-los.<sup>10</sup>

Na sequência, ainda em discurso indireto livre, rememora seus esforços fracassados de esquecê-lo. Aconteça o que acontecer, Ahasverus volta sempre a lembrar-se do nazareno.

Cada episódio das viagens, cada metamorfose de Ahasverus se abre para diferentes leituras, para o desvelamento de metáforas e simbolismos; afinal, o número de interpretações será sempre igual ao número de intérpretes. Em seu conjunto, é difícil resistir à tentação de ver nas *Viagens* um catálogo das adversidades a que os judeus foram expostos em sua relação com os povos cristãos da Europa entre os quais viveram. Afinal, Ahasverus é o judeu errante, condenado a viver até a segunda vinda de Jesus. Em alguma metamorfose, é Kuzari,<sup>11</sup> em outra é marrano,<sup>12</sup> em outra é “rabi Ahasverus”.<sup>13</sup>

Porém, quero sugerir que certos trechos apontam para outra direção, trechos em que o protagonista ultrapassa seu particularismo judaico; por exemplo, “incapaz, quase sempre, de assumir suas metamorfoses”;<sup>14</sup> na mesma página, o narrador em terceira pessoa informa que “pareceu-lhe naquele momento ter que reconquistar tudo, passado e futuro, para chegar à intersecção, que era aquele instante”;<sup>15</sup> um pouco adiante, “mas nesse intervalo lembrou-se de seu nome, e reconquistou seu corpo”;<sup>16</sup> ainda nessa página, “E conquistava o sabor das fugas às imposições normativas elaboradas de um modo arbitrário e aleatório. Viu sua biografia certa vez num balcão de livraria, e descobriu que tinha mais de mil anos, que era imortal.”; de novo nesta página, “Ahasverus não sabia quem era, de onde vinha, nem mesmo se havia nascido”.

Um pouco depois, “Ahasverus reintegra-se. E compreende pela milésima vez, novecentas e noventa e nove outras esquecera, que tem tudo a reconquistar pela consciência enquanto, sabendo ou não, respira. Outra forma de saber”;<sup>17</sup> e ainda, “farto de tudo isto, e farto ainda de tentar sonhar um futuro do futuro, porque era tão alienante quanto um passado do passado, ambos perdidos quando achados, farto de tudo isso encravou-se na maior tentação, a exigência interna do ser, e o estabelecimento de um sentido pessoal de ética.”;<sup>18</sup> e mais, “Queria o seu corpo, corpo

---

<sup>10</sup> RAWET, 2004b, p. 455.

<sup>11</sup> RAWET, 2004b, p. 461.

<sup>12</sup> RAWET, 2004b, p. 461.

<sup>13</sup> RAWET, 2004b, p. 464.

<sup>14</sup> RAWET, 2004b, p. 453.

<sup>15</sup> RAWET, 2004b, p. 453.

<sup>16</sup> RAWET, 2004b, p. 454.

<sup>17</sup> RAWET, 2004b, p. 458.

<sup>18</sup> RAWET, 2004b, p. 466-7.



imediatamente, dotado de apetites e capaz de se organizar em consciência ávida de mundo.”<sup>19</sup> por fim, “Ainda no sonho, antes de acordar, percebeu que havia o perigo de regressar pelo avesso.”<sup>20</sup>

Essa lista poderia se estender. São trechos em que a personagem não é necessariamente judia. Numa mirada mais universalista, podemos então propor que a obra trata do excluído, de todas as minorias segregadas, do “imigrante” do primeiro livro de Rawet. É para essa direção que o texto parece apontar, quando a narrativa já se aproxima de seu desfecho, num episódio em que Ahasverus se metamorfoseia de uma só vez, em três personagens, todas elas representações de minorias excluídas: um mendigo negro, um entalhador mulato, um vendedor homossexual.<sup>21</sup> Todos analfabetos e sem documentos.

Trata-se então de buscar o invariante, aquilo que permanece imutável a cada vez que Ahasverus se metamorfoseia. Sua identidade. Podemos sugerir que a obra trata da luta do estrangeiro, do estrangeiro, para encontrar a si mesmo, para recuperar e defender sua identidade, sempre ameaçada de diluição e negação por parte da maioria hegemônica, seja por absorção ou por exclusão. De sua perplexidade em face de um mundo que se recusa a conviver com a diferença, com o diferente.

Como nos contos de Edgar Allan Poe, a trama vai atingir seu clímax nas últimas linhas da narrativa. Na penúltima metamorfose, Ahasverus metamorfoseia-se com plenitude no próprio Samuel Rawet, que escreveu a novela e – “como Samuel Rawet - sondou o mundo.”<sup>22</sup> Quase temos a materialização da proposta de Deleuze e Guattari, lembrada no início da apresentação, de que “viver e escrever, a arte e a vida, só se opõem do ponto de vista de uma literatura maior”.

Finalmente, na última linha do texto, temos a derradeira metamorfose, a mais simples e ao mesmo tempo a mais complexa, a mais fácil e mais penosa: Ahasverus metamorfoseia-se nele mesmo, Ahasverus.<sup>23</sup> Movimento que, mais ainda que os anteriores, abre-se às mais diversas interpretações. Será que se rompe a sequência eterna de metamorfoses, será que Ahasverus, por fim, se liberta, por esforço próprio, da maldição do nazareno?

Outra hipótese apontaria para uma leitura sionista – embora, como é sabido, Rawet nunca tenha declarado grande simpatia por esse movimento: nesta leitura Ahasverus poderia ser visto como representação simbólica do povo judeu que, ao ter logrado a criação do Estado de Israel, se teria libertado da contingência milenar de viver, como

---

<sup>19</sup> RAWET, 2004b, p. 467.

<sup>20</sup> RAWET, 2004b, p. 470.

<sup>21</sup> RAWET, 2004b, p. 476.

<sup>22</sup> RAWET, 2004b, p. 477.

<sup>23</sup> RAWET, 2004b, p. 477.



minoria excluída, na condição de estrangeiro, entre povos hostis, notadamente cristãos.

Mas podemos também cogitar uma interpretação de eterno retorno: quando Ahasverus metamorfoseia-se em Ahasverus, tudo recomeça, infinitamente?

## Referências

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

KIRSCHBAUM, Saul. A autorrepresentação do judeu mediada pelo olhar do nacional em “Natal sem Cristo” de Samuel Rawet. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 49, p. 219-232, set./dez. 2016.

RAWET, Samuel. *Natal sem Cristo*. In: RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 123-129.

RAWET, Samuel. Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado. In: RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 449-477.

VERÍSSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1955.

-----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.